

APÊNDICE I

‘ILUSTRAR(-ME), ILUSTRARMO-NOS’ - UNIDADE DIDÁTICA · DESENHO A

1. PENSAR A UNIDADE DIDÁTICA

1.1. MOTIVAÇÃO/IDEALIZAÇÃO

Esta Proposta Didática surge do reconhecimento das salas de aula como espaços de
mesmice que:

1.

· Se apresentam, muitas vezes, silenciosos, destituída de momentos de conversação e com uma dinâmica mecânica, ritualizada, normativa, uniformizada nas e pelas práticas de ensino-aprendizagem, onde os alunos não são chamados a dar decidir sobre o que vão fazer; e onde todos têm de fazer, ao mesmo tempo, os mesmos exercícios, a partir dos mesmos conteúdos e dos mesmos objetos, estando por isso limitados quanto às possibilidades de personalizarem os seus trabalhos e a trabalhar os conteúdos curriculares também *a partir de si*, dos seus interesses culturais, e das relações particulares que estabelecem com os outros.

2.

· Se apresentam como os espaços escolares que mais acentuam a charneira entre uma ‘maioria’ e um grupo específico de ‘outros’, que usufruem de medidas adicionais de suporte à aprendizagem e à inclusão, marcados por um diagnóstico de deficiência/incapacidade.

1.2. DIRETRIZES/PRETEXTOS

1.2.1. Valorizar singularidades

Pensar uma UD:

· que viva das próprias e diferentes soluções que os alunos possam ir encontrando para gerir o seu tempo e modo de trabalho e aprendizagem - também em termos técnicos, plásticos, gráficos e compositivos - de forma a que se possam afirmar como intervenientes comprometidos, ativos e implicados no decorrer da proposta, e jamais como meros destinatários passivos.

- onde os alunos possam explorar os seus interesses e que, quer no processo quer no resultado final, seja possível observar a individualidade subjacente a cada aluno, bem como o que os aproxima.

- que valorize o processo sobre o pressuposto de que *fazer é, também, pensar*.

- que tenha em conta dois dos princípios orientadores da Educação Inclusiva (indicados no Decreto-Lei 54/2018):

d) Personalização: o planeamento educativo centrado no aluno, de modo que as medidas sejam decididas de acordo com as suas necessidades, potencialidades, interesses e preferências, através de uma abordagem multinível;

f) Autodeterminação: o respeito pela autonomia pessoal, tomando em consideração não apenas as necessidades do aluno mas também os seus interesses e preferências, a expressão da sua identidade cultural e linguística, criando oportunidades para o exercício do direito de participação na tomada de decisões;

1.2.2. Partilhar singularidades

Pensar uma UD:

- onde a representatividade da perspetiva do aluno, lhe dê voz, presença e lugar dentro do coletivo.

- que proporcione um trabalho relacional, cooperativo e colaborativo, – assente na valorização de um leque diversificado de perspetivas e resultados (ideológicos, plásticos, emocionais, culturais, gráficos, etc.); um espaço de partilha, de convergência, de confluência.

- onde os alunos são desafiados a expressar o que quiserem da sua identidade individual e levá-la ao encontro da identidade de ‘qualquer *outro*’, para, assim, se construirem novas narrativas - conjuntas e partilhadas - normais e anormais, em simultâneo.

2. CONCEPÇÃO DA UNIDADE DIDÁTICA

TEMÁTICA: ILUSTRAÇÃO

PALAVRAS-CHAVE: DIFERENÇA . ENCONTRO . IDENTIDADE

Um dos motivos que mais influenciou a construção desta UD foram os vários momentos de **conversa** com os alunos, sobre os **seus interesses e expectativas** em relação à aprendizagem da disciplina ou até sobre o que se imaginavam a fazer profissionalmente. Aqui, vários alunos falaram da ilustração e da animação, focando o **desenho gráfico, a criação de personagens**, as narrativas ilustradas; bem como na

vontade em “treinar a sua própria forma de desenhar” - o que muitos já faziam, nomeadamente através da criação de personagens nos seus diários gráficos - e de envolver-se em atividades em que tivessem oportunidade de explorar os seus interesses culturais e a sua identidade pessoal, emocional, psicológica, e a artística.

Assim, em suma, pretendeu-se criar uma UD que permitisse aos alunos trabalhar a partir das suas singularidades - **das suas vontades, expectativas, interesses experiências** - inserindo-os em **dinâmicas de trabalho conjunto e colaborativo**, que transformem a sala de aula num tempo e num **espaço de conversação e partilha**, aberto à imprevisibilidade (inclusiva) do encontro entre tantas diferenças, criando-se memórias e processos artísticos coletivos, partindo da singularidade de cada um para se criar um sentimento de pertencimento comum. Para isso, foi selecionada a temática da **Ilustração** (que corresponderia não só ao interesse dos alunos mas à minha experiência profissional) e a UD foi dividida em **3 momentos** - a primeira **individual** e as seguintes **coletivas**:

Momento 1 (individual): Criação de uma narrativa escrita e da sua respetiva ilustração - levando os alunos numa viagem da palavra à imagem - tendo como protagonista uma personagem inventada que incorporasse alguma(s) da(s) marca identitária(s) que os alunos quisessem trazer.

Momento 2 (em par): Junção da sua ilustração com a de outro colega, numa outra folha (para os dois elementos), criando uma nova ilustração que contemple as narrativas visuais dos dois elementos.

Momento 3 (em grupo): Junção da ilustração realizada em par com a de outro par, numa outra folha (para os quatro elementos), criando uma nova ilustração que contemple as narrativas visuais de todos os elementos do grupo.

2.1. OS Suportes e a organização do trabalho colaborativo

Um dos principais objetivos idealizado para esta UD seria que esta permitisse trabalhar sobre o inesperado encontro entre as diferentes formas de pensar e fazer dos alunos, criando um ambiente de surpresa, curiosidade e imprevisibilidade, muito através do facto dos diferentes momentos de trabalho coletivo serem reveladas ao longo do processo, lançando-os para encontros inesperados onde se confrontariam com as diferenças daqueles que encontravam.

Visto que se ia trabalhar a organização da composição visual, decidiu-se que o formato do suporte não iria ter o típico formato rectangular, levando os alunos a outras

oportunidades de exploração da forma como podem construir, direccionar, posicionar e enquadrar a sua narrativa visual e até daquilo que consideram ser o princípio, o meio e o fim da folha da sua folha. Afinal, o nosso próprio campo visual é extenso e múltiplo, não se limitando ao formato retangular. Por sua vez, queria que todas estas folhas fossem únicas, representando também a exploração e celebração das diferenças que tornam, também, cada um destes alunos únicos e irrepetíveis.

Para se decidir os formatos destas folhas foi solicitado aos alunos que desenhassem formas aleatórias, sem saberem o propósito. Posteriormente, todas as formas foram encaixadas, aleatoriamente, por mim, de modo a que se construísse o suporte para o trabalho em grupo, onde estes pudessem unir as ilustrações - primeiro em par e depois em grupo.

Quanto à formação dos pares para o Momento 2, ficou a cargo dos alunos, não lhes sendo revelado o propósito - isto porque, como tantas escolhas que fazemos, também esta estava dependente de condicionalismos externos - neste caso, a estruturação da UD que pretendia cultivar essa curiosidade. E se não sabiam porque teriam formado um par - dado que o primeiro momento é único lançado até então, seria individual - tão pouco suspeitavam que a folha que receberam serviria para unir essa ilustração individual à do colega e, posteriormente, à de outro par.

Mas esta decisão de serem os alunos a escolher o seu par sem saberem o propósito, também surgiu para que não escolhessem propositadamente um colega cuja forma de desenhar fosse extremamente parecida à sua, mantendo-se, assim, o encontro entre diferentes formas de desenhar e de pensar narrativamente.

Da mesma forma, era importante que os grupos que se formassem no momento 3 fossem aleatórios, exatamente para reforçar a imprevisibilidade do encontro entre as diferenças de todos. Vejamos como foram formados esses grupos, através da distribuição das próprias folhas (relembrando que os alunos não sabiam que as folhas que escolhiam se encaixavam com as do seu par ou que depois encaixariam com as de outro par):

1. Um aluno do **par A** escolhe, aleatoriamente, a folha '1'. É entregue ao seu par a folha '2' (na Momento 2, é-lhes entre a folha 3, para unirem as suas ilustrações, desenhando em conjunto).
2. Um aluno do **par B** escolhe, aleatoriamente, a folha '4'. É entregue ao seu par a folha '5' (na Momento 2, é-lhes entre a folha 6, para unirem as suas ilustrações, desenhando em conjunto).

3. Pelo facto de estes dois conjuntos de folhas (123 e 456) encaixarem, através da folha '123456', estes pares trabalharão em conjunto na Momento 3. **Visto que foram os alunos a escolher aleatoriamente as folhas, não haveria controlo nenhum sobre que pares se juntariam.**

Folhas azuis - 1 e 2 (par A)

Folhas amarelas - 4 e 5 (par B)

Trabalho individual - Momento 1

Estas são as folhas onde cada aluna faz a sua ilustração individual.

Folha azul - 3 (par A)

Folha laranja - 6 (par B)

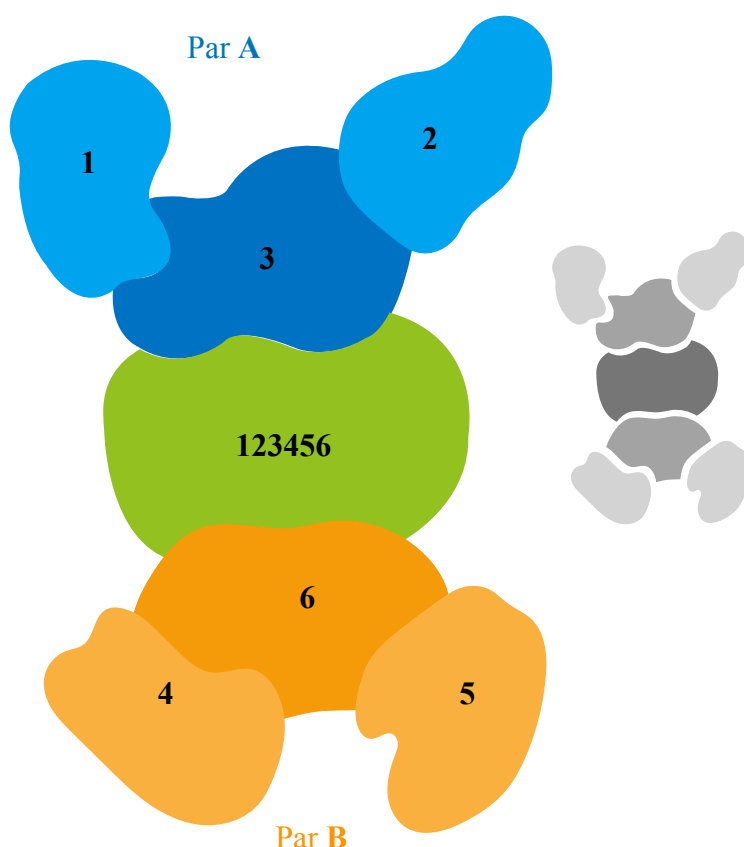
Trabalho em par - Momento 2

Estas são as folhas onde cada par une as suas ilustrações individuais, desenhando em conjunto.

Folha verde - 123456 (par A + par B)

Trabalho em grupo - Momento 3

Nesta folha, os dois pares (os 4 alunos) unem as suas ilustrações (das folhas 3 e 6).



Nas folhas, como na Escola, mesmo na estranheza da diferença, há sempre motivos que nos aproximam, espaços de conexão, de debate, de concórdia ou discórdia... Estas folhas de união (a folha 6, a folha 3 e a folha '123456') são, portanto, o espaço de desconforto, de “não-descanso” - o hiato e irrupção - onde os alunos se confrontam com a diferença do outro e com a visão que o outro possa ter de si.

Aqui, a obrigatoriedade do uso do suporte que construí (a partir das formas desenhadas pelos alunos) e de terem de trabalhar com um grupo que lhes foi atribuído aleatoriamente, representa a inevitabilidade da ‘diferença’ como constructo determinante da coletividade; bem como a estereotipação (e consequente exclusão)

associadas a certas características que muitas vezes não conseguimos escapar. Já a possibilidade de escolha dos materiais/técnicas, de narrarem a sua própria história e trazerem os seus interesses e singularidades para a atividade, representa a forma como optamos por lidar com essas mesmas diferenças e a importância de serem tidas em conta e respeitadas na coletividade.

APÊNDICE II

ILUSTRAR(-ME) - Momento 1 (individual)

NARRATIVA ESCRITA

· · · · · ENUNCIADO DA ATIVIDADE · · · · ·

1. cria uma personagem que te represente e uma pequena narrativa escrita sobre ela e/ou onde esta seja a protagonista. Para te ajudar, podes imaginar-te como uma personagem de um filme, série, animação, livro, etc.

1.1 para criares a tua personagem e a tua história, inspira-te em alguns dos seguintes motes:

eu vejo-me assim | eu quero/eu preciso que | eu gosto/eu odeio | eu sonho | o que eu tenho de normal | o que eu tenho de anormal | os meus super-poderes são/o que tenho de poderoso é | as minhas limitações/fraquezas são

Notas:

- Não tens de seguir esta ordem nem incluir todas as frases. Podes escolher as que melhor servirem o teu objetivo, espalhá-las e inseri-las no texto da forma que quiseres.
- Não há número de palavras obrigatório. Pode ser uma história de apenas um parágrafo ou uma história longa. Pode ser uma simples descrição da personagem ou pode conter a descrição de uma situação que caracterize a personagem.
- A personagem pode ser mais realista ou do universo do fantástico (assumir a forma de animais, objetos, super-heróis, vilões, criaturas místicas, etc.).

NARRATIVA VISUAL

· · · · · ENUNCIADO DA ATIVIDADE · · · · ·

1. Cria uma ilustração através do desenho que tenha, **por si só, poder de comunicar a história que escreveste** - e as ideias, sentimentos, valores, gostos, ódios que possa conter e que queiras representar.

2.1. Esboça a composição da ilustração (a relação entre a personagem e os restantes elementos que a compõe).

2.2. Seleciona os materiais a usar e realiza a ilustração no suporte que te foi atribuído. É obrigatório que ilustração atinja as margens da folha, conjugando o fundo com a personagem.

Esta ilustração deve ter movimento, equilíbrio e ritmo e devem conseguir dar mais peso visual aos elementos que querem destacar.

Nota: O porquê do suporte estar pré-determinado e a imposição de terem de preencher até às margens descobrirás na momento 2 desta UD.

Suporte: Ser-te-á entregue uma folha cujo formato foi definido pelas manchas que espontaneamente desenhámos na aula anterior.

Materiais: Meios atuantes secos – Carvão, Graphite, Pastel de Óleo, Pastel Seco, Lápis de Cor, Caneta, Marcador (podes usar um ou vários).

APÊNDICE III

‘ILUSTRARMO-NOS’ - Momento 2 (em par) + Momento 3 (em grupo)¹

Só “somos” quando o “outro” nos reconhece e quando reconhecemos o “outro” como *igual e diferente* – quando nos reconhecemos na *diversidade*, na pluralidade de *formas de ser*.

eu sou porque tu és | eu vejo-me porque tu te/me vês

Após cada um ter realizado a sua ilustração, descobrem o porquê do suporte não ter o típico formato rectangular e o porquê de terem de preenchê-lo até às margens:

O suporte que contém a ilustração de cada um, une-se com o suporte do seu par, onde terão de criar uma ilustração conjunta. Aqui, vemos que criar uma narrativa sobre nós mesmos - “escrevermo-nos” e “ilustrámo-nos” - como um exercício de auto-determinação e procura/*construção de si*, é sempre um exercício conjunto, que precisa e vive do outro.

O desafio, agora, é preencher a folha que serve de união entre a sua narrativa visual e a do seu par. E preenchê-la de maneira a que consigam encontrar um motivo e uma estratégia gráfica, plástica e narrativa de união daquilo que cada um quis narrar sobre si e das formas, cores e técnicas que utilizaram para o fazer.

Assim, cria-se um momento onde os alunos possam confrontar-se com o que os diferencia, procurando um ponto de encontro entre essas mesmas diferenças: quer metaforicamente, unindo aquilo que narraram visualmente sobre si (as ideias e emoções presentes na ilustração, a mensagem que os representa/identifica, etc.); quer graficamente/figurativamente – unindo os seus desenhos. É, assim, o próprio exercício gráfico e plástico (e a complexidade de se unirem técnicas, materiais e traços diferentes) que serve de reflexão pessoal/conjunta sobre aquilo que nos aproxima ou afasta, que cria confronto ou consonância, etc.

Quando entregues as terceiras folhas (Momento 3) os alunos perceberão que a sua folha também encaixa com a de outros colegas, e não apenas com o seu par e que terão de unir a ilustração que fizeram com o seu par à de outro par.

¹ para a momento 3 foi usado o mesmo enunciado que a momento 2, alterando-se apenas do facto de que já não trabalhariam dois a dois, mas quatro a quatro, à excepção de um grupo onde se conjugaram as ilustrações de 3 pares (6 alunos + 1 cujo par desistiu da disciplina).

Em suma, pretendeu-se, aqui, a criação de um espaço/momento:

- que incentivasse os alunos a olharem para si mesmos, a confrontarem-se com o que encontram de diferente no outro. Onde os alunos possam explorar as suas próprias ideias e valores, ao mesmo tempo que mergulham num mundo coletivo, de descobrimento do ‘*outro*’.

- que vive de um leque diversificado e heterogéneo de perspectivas, posicionamentos e resultados – ideológicos e gráficos.

- onde os alunos possam ter uma participação ativa e significativa, assumindo-se como protagonistas transformadores, críticos e comprometidos do processo e do resultado final, pensando esta participação no sentido de uma construção comum.

· · · · · **ENUNCIADO DA ATIVIDADE** · · · · ·

UNIÃO DAS ILUSTRAÇÕES INDIVIDUAIS EM PAR

+ UNIÃO DAS ILUSTRAÇÕES DO SEU PAR COM OUTRO PAR

Contextualização:

No início, cada um criou uma personagem, uma história e uma ilustração pessoal, sobre algo que sentia que o representava. Mas, como é óbvio, não vivemos isolados... E, mesmo sendo muito difícil, o que nos torna únicos tem de ser **conjugado com quem nos rodeia**.

Por isso, nesta Momento 2, **vamos unir as ilustrações com o nosso par**; e vamos provar, através do desenho, **que mesmo tendo todas características individuais muito diferentes** (e que por vezes nos fazem sentir estranhos), há sempre **motivos que nos aproximem** (nem que seja o facto de todos sermos um bocadinho estranhos, de todos sermos únicos, de todos sermos diferentes).

Afinal, **cada um tem uma características únicas**, mas, mesmo sendo muito difícil (e até constrangedor), o importante é tentarmos encontrar formas de nos respeitarmos, de aprendermos com o que outro, de convivermos com o outro...

...E **cada um está a construir uma forma única de desenhar**; e nós vamos provar, que mesmo podendo ser difícil (e até constrangedor), é possível conjugar formas

totalmente diferentes de desenhar.... Tal como deveria ser possível conjugar, no mundo, formas muito diferentes de ser...

Esta não é uma atividade para competir, “para ver quem é que desenha melhor”. Pelo contrário, é uma atividade que pretende **valorizar a forma única de cada um desenhar** e não deixar que esta se apague quando se une com a do colega. Ou seja, as formas de desenhar de cada um devem estar presentes e devem brilhar nas ilustrações conjuntas. No fundo, é isso que nós tentámos fazer diariamente: não deixar que a luz do outro apague a nossa ou vice-versa... Mas antes, que se conjuguem, com empatia e respeito.

Materiais: Devem usar os materiais que cada um utilizou na ilustração individual.

Suportes: O suporte/folha de cada estudante, através de uma terceira folha, vai encaixar na folha do seu par (ou seja, essa folha encaixa com as folhas das duas ilustrações individuais). **Como nós, estas folhas são estranhas, únicas e todas diferentes... mas também são capazes de se encaixar.**

Notas:

- É importante que a ilustração contenha elementos da ilustração individual de cada um, tendo de haver um **elo de ligação entre os dois**. Ou seja, **não deve parecer que são duas ilustrações em separado**.
- Podem fazer a união das ilustrações através da **mistura ou união** de elementos, cores e texturas e/ou da história/personagens de cada um.
- Devem preencher a folha até às margens.
- Tal como a ilustração individual, esta ilustração deve ter **movimento, equilíbrio e ritmo**; deve estar bem **enquadrada** na folha; e devem conseguir dar mais **peso visual** aos elementos que querem destacar.

APÊNDICE IV

ENQUADRAMENTO DA UNIDADE DIDÁTICA NA DISCIPLINA

Apesar da *Ilustração* não estar, efetivamente, presente na planificação da disciplina para o ano letivo, tentei que a UD contemplasse os objetivos descritos nas situações de aprendizagem desta planificação, nas aprendizagens essenciais e sub-temas relativos ao programa da disciplina. Afinal, o que queremos é que os alunos aprendam efetivamente a desenhar e conheçam as possibilidades desta aprendizagem que lhes permite comunicar, inventar, e contar histórias através de imagens que os mesmos criem. E a ilustração é mesmo isso! Neste sentido, tendo por base as potencialidades e possibilidades de registo, expressão, narração e representação da **Ilustração**, recolhi algumas das ‘Ações Estratégicas de Ensino orientadas para o perfil dos alunos’ (retiradas das AE mas algumas também presentes na planificação da disciplina para esta turma) e as Aprendizagens Essenciais que comportam, de forma a que pudéssemos incluí-las na realização desta UD.

1. Aprendizagens Essenciais

APROPRIAÇÃO E REFLEXÃO

- Conhecer diversas formas de registo - desenho de observação, de memória e elaborados a partir do imaginário - explorando-as de diferentes modos, através do desenho de contorno, de detalhe, gestual, orgânico, automático, geométrico, objetivo/subjetivo, figurativo/ abstrato, esquisso e esboço, entre outros.
- Estabelecer relações entre os diferentes elementos da comunicação visual, como a forma, a cor, a luz-sombra, a textura, o espaço, o volume, entre outros.
- Respeitar diferentes modos de expressão plástica, recusando estereótipos e preconceitos.

INTERPRETAÇÃO E COMUNICAÇÃO

- Reconhecer a importância dos elementos estruturais da linguagem plástica (forma, cor, valor, espaço e volume, plano, textura, escala, ritmo, equilíbrio, estrutura, entre outros) na análise de imagens de diversa natureza e na elaboração de desenhos a partir de contextos reais observados, de imagens sugeridas e/ou de pontos de partida imaginados.
- Adequar as formulações expressivas à sua intencionalidade comunicativa e a públicos diferenciados.

EXPERIMENTAÇÃO E CRIAÇÃO

- Utilizar diferentes modos de registo: traço (intensidade, textura, espessura, gradação, gestualidade e movimento), mancha (densidade, transparência, cor e gradação) e técnica mista (combinações entre traço e mancha, colagens, pastéis de óleo e aguadas, entre outros modos de experimentação).

- Utilizar suportes diversos e explorar as características específicas e possibilidades técnicas e expressivas de diferentes materiais (grafites, carvão, ceras, pastéis, têmpera, aguarela e outros meios aquosos).
- Reconhecer desenhos de observação, de memória e de criação e de os trabalhar de diferentes modos, através do desenho de contorno, de detalhe, gestual, orgânico, automático, geométrico, esquisso e esboço objetivo/subjetivo, figurativo/abstrato, entre outros.
- Realizar estudos de formas naturais e/ou artificiais, mobilizando os elementos estruturais da linguagem plástica e suas inter-relações (forma, cor, valor, espaço e volume, plano, textura, escala, ritmo, equilíbrio e estrutura, entre outros).
- Aplicar processos de síntese e de transformação/ composição (sobreposição, simplificação, nivelamento ou acentuação, repetição, entre outros), explorando intencionalmente o potencial expressivo dos materiais e da gestualidade.

ACÇÕES ESTRATÉGICAS DE ENSINO ORIENTADAS PARA O PERFIL DOS ALUNOS

Promover estratégias que estimulem a criatividade dos/as alunos/as, como por exemplo:

- Articulação de atividades e exercícios que valorizem, simultaneamente a descoberta e a interrogação, a aprendizagem prática e a compreensão conceptual, a expressão pessoal e a reflexão individual e coletiva.

Promover estratégias que desenvolvam o pensamento crítico e analítico dos/as alunos/as, através:

- Da reflexão crítica sobre os conhecimentos e suas interpretações possíveis.
- Do estímulo da capacidade de agir utilizando processos de pensar e de fazer artísticos como forma de ação e de participação cívica.
- Da análise dos seus trabalhos e a dos seus colegas, sustentada com os conhecimentos adquiridos em diferentes situações de observação e análise e tendo em conta os seus contextos de elaboração.

Promover estratégias que requeiram/induzam, por parte do/a aluno/a:

- A compreensão da diversidade cultural e artística possibilitando o reconhecimento valorativo da diferença.
- A partilha de ideias, no sentido de compreender o ponto de vista dos outros.
- A justificação da intencionalidade das suas composições, referindo o modo como organizou os elementos no campo visual.

Promover estratégias que, por parte do aluno, requeiram/induzam:

- A compreensão da diversidade cultural e artística possibilitando o reconhecimento valorativo da diferença.
- A partilha de ideias, no sentido de encontrar soluções e de compreender o ponto de vista dos outros.

2. Porquê trabalhar a Ilustração?

Quando exploramos a visão sincrónica do Desenho, podemos falar do ‘desenho aplicado’, que tem uma intenção específica, como por exemplo, a comunicação visual de uma ideia - de tornar a realidade e o nosso pensamento compreensível. Aqui, lidámos com o desenho gráfico e didático, que ao ter esta intenção narrativa e comunicativa, transforma-se numa ilustração.

Desta forma, a Ilustração nunca está isolada, nunca surge do vazio - tem sempre uma intenção e serve um propósito, uma solicitação, sempre agregada a um contexto comunicacional - i.e., parte sempre da necessidade e do compromisso de comunicar uma ideia, uma mensagem, um conceito, uma história. Assim, não só vai completar a mensagem que queremos passar, mas interpretá-la de uma outra forma, aprofundá-la, potencia-la, transformá-la; vai expressar o que só as palavras não dizem - o que não é explícito, para incentivar o público a criar novas formas de a interpretar.

Ela é, por isso, um instrumento muito poderoso de comunicação visual, que acompanha e representa a história da humanidade e acompanha e representa a nossa história pessoal, alongando-se a todos os aspectos culturais da nossa vida (Male, 2019: 2):

- **Informa e transmite Conhecimento:** educação, documentação, informação, pesquisa
- **Convence:** publicidade, promoção, propaganda
- **Promove e oferece Identidade:** linguagem corporativa, ‘branding’, embalagem
- **comenta, analisa, e provoca:** jornalismo, revisão editorial, crítica, reportagem
- **Ficção e entretenimento:** literatura (livros ilustrados, bd’s), jogos, filmes, etc.

A ilustração educa, informa e transmite conhecimento; convence, anuncia e promove; é intransigente e provoca; comenta, documenta e testemunha; é um contador de histórias e narrador de ficção; enriquece a cultura e oferece identidade; serve a sociedade (Male, 2019: 1).

Desde a infância, construímos um arquivo/álbum de imagens ilustradas que nos ajudam: i) a construir o nosso imaginário e a nossa cultura visual; ii) a aprender a observar e a interpretar o que vemos com sentimento e com inteligência; iii) a desenvolver a nossa expressão artística individual: a nossa capacidade crítica e criativa de comunicar visualmente, no nosso caso, a desenhar.

E esta é a maior contribuição que encontro na ilustração: em como ela consegue criar um sem número de histórias e personagens que nos fazem mergulhar na nossa memória e trazê-la para o presente e para o futuro; em como nos ajuda que a definir os nossos gostos, valores e opiniões, que nos tornam cidadãos mais críticos, atentos e empáticos e que nos fazem mais criativos; em como ela nos aproxima.

Foi neste sentido que levei, para a apresentação desta UD, um pouca da história da ilustração contada a partir dessas personagens e histórias (da animação, da ilustração editorial, etc.), que há muito foram criados e que ainda perduram; e que para além de também representarem a nossa evolução como sociedade e diferentes períodos na nossa história, são também expressão do nosso imaginário pessoal.

2.1. Justificação da pertinência da Ilustração na disciplina de Desenho A

Trabalhar a Ilustração para:

Conhecer/Explorar:

- as diferentes definições e os territórios de actuação da Ilustração bem como a sua identidade conceptual, estrutural, comunicativa e técnica.
- a função da ilustração na literacia visual e os seus diferentes meios de actuação.
- as potencialidades das narrativas visuais na definição de imaginários colectivos e individuais.
- as potencialidades do desenho enquanto meio de interpretação e de representação da gramática da ilustração.
- diversas modalidades técnicas e meios de registo que compõe os ambientes analógicos ilustrados.
- as ideias de sequência, tempo e sentido, personagem, cenário.
- a inserção da ilustração no contexto autoral e o processo de investigação e construção de um discurso visual próprio.
- as relações intersemióticas: a palavra/o verbal vs. a imagem/não-verbal - i.e., a **relação entre os signos gráfico, plástico e linguísticos.**

Em suma, a ilustração permite-nos trabalhar a capacidade de concentrar no desenho a comunicação literal e/ou subjetiva de um tema/sensação/narrativa, acrescentando-lhe valor estético e expressivo, através da experimentação de ferramentas e técnicas de desenho e das suas potencialidades de expressão e comunicação visual. Desta forma, possibilita a exploração de imensos processos de aprendizagem dos conteúdos particulares da disciplina.

Nesta UD, explorou-se alguns elementos estruturais da linguagem plástica – **Escala e Proporção, Enquadramento, Peso visual, Movimento, Direções Visuais, Ritmo, Equilíbrio, Contrastes e equilíbrio cromático** – cujo domínio nos permite criar uma composição que responda à intenção comunicativa da ilustração, através da organização do campo visual, estruturando e relacionando os diversos elementos que o compõe.

APÊNDICE V

AVALIAÇÃO

1. Auto-avaliação

Pretendeu-se que a auto-avaliação, de carácter mais formativo, permitisse que os alunos refletissem acerca da própria UD e - como um exercício de interpretação e tomada de consciência - acerca do seu processo de aprendizagem, da sua participação e no seu envolvimento na mesma.

Nota: A Auto-avaliação dos alunos com adaptações curriculares significativas foi realizada oralmente dado que os quatro têm graves dificuldades de leitura e escrita. Encontrei, nesta solução, vantagens e desvantagens: por um lado, seria interessante fazer isto com todos os alunos - conversar, individualmente ou em grupo, sobre o seu processo de trabalho - pois com certeza que chegaríamos a conclusões conjuntas que o formato do questionário não oferece. Contudo, o tempo que teria não permitiria que isto acontecesse - no máximo, reconheço que poderia ter sido feito aquando do decorrer do processo de trabalho, à medida que percorria a sala de aula e conversando com os grupos, ao invés de guardar essa reflexão para mim, a partir do que observava. Por outro lado, foi notório que quando apliquei esta estratégia de uma auto-avaliação oral, os alunos se sentem imensamente constrangidos, com receio de partilhar perspectivas que critiquem a UD.

'ILUSTRAR-ME'

1. Reflexão geral

1.1. O que achei da "momento 1" (ilustração individual) deste projeto? O que mais gostei e o que menos gostei?

1.2. O que achei mais difícil e o que achei mais fácil?

2. Do texto à ilustração

2.1. Como resolvi passar a minha história (escrita) para a ilustração (desenho)? (exemplos: O que resolvi desenhar; Como organizei a minha composição; Que elementos usei para representar a mensagem da história ou a personagem; Como desenhei e onde coloquei a personagem; O que fiz no fundo; etc.)

2.2. Qual sinto que **representa melhor a personagem/história** que criei: o **texto ou a ilustração**? Porquê?

2.3. Há características da personagem (físicas/psicológicas) ou partes da história (ações, sentimentos, sensações, valores) que não cheguei a ilustrar e gostavas de acrescentar? Se sim, quais?

‘ILUSTRARMO-NOS’

1. Reflexão geral

1.1. O que achei da "parte 2" deste projeto (união em par + união em grupo) ? O que mais gostei e o que menos gostei?

1.2. O que achei mais difícil e o que achei mais fácil?

2. União das ilustrações - em PAR

2.1. Como resolvemos, **em par**, unir as nossas ilustrações? (Exemplo: misturar as histórias, usar as personagens e pô-las em interação, misturar as cores e elementos do fundo, etc.).

2.1.1. Dei sugestões para escolhermos como unir as ilustrações? Se sim, quais?

2.2. Achas que na ilustração se nota a presença dos dois elementos do par? Ou seja, os elementos estão bem conjugados ao ponto de parecer **uma ilustração só**, ou parecem duas ilustrações em separado?

3. União das ilustrações - em GRUPO

3.1. Como resolvemos, **em grupo**, unir as nossas ilustrações? (Exemplo: misturar as histórias, usar as personagens e pô-las em interação, misturar as cores, texturas, e elementos do fundo, etc.)

3.1.1. Dei sugestões para escolhermos como unir as ilustrações? Se sim, quais?

3.2. Achas que na ilustração se nota a presença de todos os elementos do grupo? Ou seja, os elementos estão bem conjugados ao ponto de parecer **uma ilustração só**, ou parecem ilustrações em separado?

2. Critérios de Avaliação

1. REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM (30)

- Representou a personagem com **detalhe, intensidade e intencionalidade expressiva** (30)
- Representou a personagem com algum detalhe, intensidade e expressividade (20)
- Representou a personagem com pouco detalhe, intensidade e expressividade (10)

2. QUALIDADE GRÁFICO-PLÁSTICA E EXPRESSIVA E INTENCIONALIDADE COMUNICATIVA DA ILUSTRAÇÃO (50)

AE: Adequar as formulações expressivas à sua intencionalidade comunicativa.

- a ilustração apresenta excelente qualidade e coerência gráfico-plástica e expressiva e transmite a mensagem do texto (50)
- a ilustração apresenta boa qualidade e coerência gráfico-plástica e expressiva e transmite a mensagem do texto (40)
- a ilustração apresenta alguma qualidade e coerência gráfico-plástica e expressiva e transmite a mensagem do texto (30)
- a ilustração apresenta pouca qualidade e coerência gráfico-plástica e expressiva e transmite a mensagem do texto (20)
- a ilustração apresenta pouca qualidade e coerência gráfico-plástica e expressiva e a mensagem do texto não está presente na ilustração (10)

3. QUALIDADE E COERÊNCIA DA COMPOSIÇÃO (40)

Domínio e aplicação de princípios e estratégias de composição e de estruturação na linguagem plástica, i.e, o o modo como organizou os elementos no campo visual tendo em conta a intencionalidade comunicativa do seu trabalho.

3.1. Enquadramento (20)

- Ocupa de forma equilibrada o espaço livre da folha, posicionando os elementos no plano de forma a não existir desperdício do espaço compositivo, permitindo que a composição comunique eficazmente a mensagem do texto. (20)
- Ocupa de forma desequilibrada o espaço livre da folha, posicionando os elementos no plano provocam desperdício do espaço compositivo. (10)

3.2. Equilíbrio e Peso Visual (20)

- O peso visual atribuído às formas no campo cria um equilíbrio visual que harmoniza todo o conjunto e permite distinguir os elementos que o aluno quis destacar na sua composição, de forma a melhor comunicar a mensagem do texto. (20)
- O peso visual atribuído às formas no campo cria um equilíbrio visual que harmoniza todo o conjunto mas não permite distinguir os elementos que o aluno quis destacar na sua composição, de forma a melhor comunicar a mensagem do texto. (10)
- O peso visual atribuído às formas no campo não oferece à composição equilíbrio visual e não permite distinguir os elementos que o aluno quis destacar na sua composição. (5)

4. QUALIDADE TÉCNICA (40)

Selecionar modos de registo: traço (intensidade, textura, espessura, gradação, gestualidade e movimento), mancha (densidade, transparência, cor e gradação) e técnica mista (combinações entre traço e mancha, colagens, entre outros modos de experimentação) – Critérios de Avaliação da disciplina de Desenho A da escola.

- Demonstra um excelente domínio técnico e aplica com intencionalidade o potencial expressivo do(s) **meios(s) atuante(s)** e **modo(s) de registo** (40)
- Demonstra bom domínio técnico do(s) meios(s) atuante(s) e modo(s) de registo (30)
- Demonstra algum domínio técnico do(s) meios(s) atuante(s) e modo(s) de registo (20)

- Demonstra dificuldade no domínio técnico do(s) meios(s) atuante(s) e modo(s) de registo (10)

5. PARTICIPAÇÃO INDIVIDUAL (20)

- O envolvimento do/a aluno/a no processo de trabalho revelou bastante envolvimento, empenho, autoexigência e pensamento crítico e criativo (20)
- O envolvimento do/a aluno/a no processo de trabalho revelou algum empenho, autoexigência e Pensamento crítico e pensamento criativo (10)
- O envolvimento do/a aluno/a no processo de trabalho revelou falta de empenho e facilitismo na procura de soluções gráficas/plásticas (5)

6. PARTICIPAÇÃO COLETIVA E COLABORATIVA (20)

6.1. Contributo para o processo de trabalho (10)

- Participou ativamente no processo de trabalho coletivo não só ao desenhar mas dando sugestões para encontrarem uma forma de unir as ilustrações (10)
- Participou ativamente no processo de trabalho coletivo ao desenhar mas deu poucas sugestões para encontrarem uma forma de unir as ilustrações (5)
- Participou passivamente no processo de trabalho coletivo, desenhando e contribuindo pouco para encontrarem uma forma de unir as ilustrações (0)

6.2. Encontro gráfico-plástico com os colegas (10)

- A sua ilustração está presente na ilustração coletiva, conseguindo conjugar/ combinar harmoniosamente a sua linguagem gráfica com a dos pares (10)
- A sua ilustração está presente na ilustração coletiva, mas não está integrada no todo da composição, desassociando-se da ilustração dos pares e da narrativa coletiva (5)

2.1. Critérios de Avaliação - Alunos com adaptações curriculares significativas

1. REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM (30)

- Representou a personagem com detalhe e expressividade (30)

- Representou a personagem com pouco detalhe e expressividade (20)
- Representou a personagem com algum detalhe e expressividade (20)

2. QUALIDADE GRÁFICO-PLÁSTICA, EXPRESSIVA E COMUNICATIVA E INTENCIONALIDADE COMUNICATIVA DA ILUSTRAÇÃO (50)

AE: Adequar as formulações expressivas à sua intencionalidade comunicativa.

- a ilustração apresenta **capacidade expressiva e imaginativa e transmite a mensagem do texto** (50)
- a ilustração apresenta alguma capacidade expressiva e imaginativa e transmite a mensagem do texto (40)
- a ilustração apresenta pouca capacidade expressiva e imaginativa e transmite a mensagem do texto (20)

3. EXPLORAÇÃO DE MATERIAIS/TÉCNICAS (40)

- Explora as técnicas e materiais com excelente **energia, criatividade e expressividade** (40)
- Explora as técnicas e materiais com energia, criatividade e expressividade (30)
- Explora as técnicas e materiais com alguma energia, criatividade e expressividade (20)
- Explora as técnicas e materiais com pouca energia, criatividade e expressividade (10)

4. PARTICIPAÇÃO (80)

Participação 1 (30)

- O aluno completou a atividade com êxito, envolvendo-se no processo do início ao fim (30)
- O aluno não completou a atividade com êxito, pois acabou por desistir a meio do processo (10)

Participação 2 (30)

- O aluno revelou bastante **atenção, empenho e persistência** e soube pedir ajuda quando necessário (30)
- O aluno revelou algum interesse, empenho e persistência e soube pedir ajuda quando necessário (20)
- O aluno revelou pouco interesse, empenho e persistência e não soube pedir ajuda quando necessário (10)

Participação 3 (20)

- A sua ilustração está presente e bem integrada na ilustração coletiva, respeitando o trabalho dos pares (20)
- A sua ilustração não está presente e bem integrada na ilustração coletiva (10)

3. Construir a Avaliação

Inicialmente, criei os mesmos critérios de avaliação para todos os alunos, já que os critérios específicos na disciplina para os alunos com MA, mesmo que essenciais, me pareciam redutores do nível de participação destes quatro alunos na atividade - sendo eles “a Assiduidade, a Pontualidade, o Empenho, a Resolução das tarefas, o Gosto pelo que faz, e a Proposta de ideias para novas tarefas”.

Assim, justifiquei que nesta UD, faria sentido que todos partilhassem os mesmos critérios de avaliação pois a proposta baseava-se em respostas diferenciadas, valorizadas nessa diferença e esses mesmos critérios teriam abrangência suficiente para incidir sobre essa mesma diversidade de processos e resultados.

Apresentei os primeiros critérios, que estruturei para avaliar o domínio da técnica, o uso do material e a organização do campo visual, mas integrando algumas das áreas de competências do perfil dos alunos incluídos nas AE da disciplina (como por exemplo B - Informação e comunicação, D - Pensamento crítico e pensamento criativo, E - Relacionamento interpessoal, ou F - Desenvolvimento pessoal e autonomia) e que valorizam o relacionamento entre pares, a capacidade de pensar e desenhar narrativamente, o cuidado na representação da personagem, etc.

A professora titular da disciplina pediu que fizesse algumas alterações a estes critérios, valorizando mais o domínio técnico. Mas consegui não abandonar todos os critérios apresentados, redistribuindo algumas percentagens. Afinal, não faria sentido estar a demonstrar a capacidade comunicativa do desenho (quando aplicado, neste caso, em ilustração) e como pode ser também uma forma de participação e envolvimento coletivo, se depois não o valorizasse na avaliação do processo de trabalho dos alunos.

No mesmo sentido, a professora também sugeriu que estes critérios não fossem os mesmos para todos os alunos, porque os critérios de avaliação específicos da disciplina eram diferentes para quatro dos alunos que usufruem de adaptações curriculares significativas. Assim, tive em consideração que estes critérios específicos como uma medida de diferenciação pedagógica, se accionados no Programa Educativo Individual de cada um destes alunos, é porque se

demonstram importantes para o seu desenvolvimento; e tentei, por isso, tê-los em conta. Para isso, parti dos critérios que delineará para todos, inserindo estes “critérios diferenciados”. Este não foi um processo fácil, mas se não o tivesse tido em conta estes mesmo critérios poderia estar a ignorar qualidades específicas dos alunos que os professores escolhem valorizar porque, realmente, merecem ser valorizados. Da mesma forma que se reconhece, na EI, a importância de se diferenciarem os modos e instrumentos de avaliação, adequando-os à diversidade e à natureza das aprendizagens, para que, assim, se criem dinâmicas positivas e formativas que contribuem para perceber o que está mal para se fazer melhor... para se dar sentido, compreender e saber usar o que se aprende.

A classificação, um processo bastante complexo, foi feito com a ajuda da professora, que aí também me foi dando dicas sobre como pensar, na avaliação, algumas questões relativas específicas dos saberes da disciplina (como a organização do campo visual, o peso visual e o movimento, etc.) e sobre a dificuldade em gerir as questões particulares de gosto e a apreciação técnica dos trabalhos.

Importante: Esta temática da Avaliação carece de reflexão neste relatório, visto que outros assuntos se foram demonstrando mais urgentes de serem refletidos, mediante a minha experiência particular de estágio. Contudo, não se descora a sua gigante e incontestável importância quando se pensa na possibilidade de se construir uma Escola mais inclusiva, reconhecendo, assim, que esta deva integrar-se em reflexões futuras.

APÊNDICE VI

‘ILUSTRAR(-ME), ILUSTRARMO-NOS’ EM IMAGENS

1. Trabalho a várias mãos



Fig. 1 - Trabalho colaborativo: ‘Ilustrarmo-nos’



Fig. 3 - Trabalho colaborativo: 'Ilustrarmo-nos' ii

2. Resultados



Fig. 4 - 'Ilustrar(-me), Ilustrarmo-nos' - Grupo 1



Fig. 5 - 'Ilustrar(-me), Ilustrarmo-nos' - Grupo 2

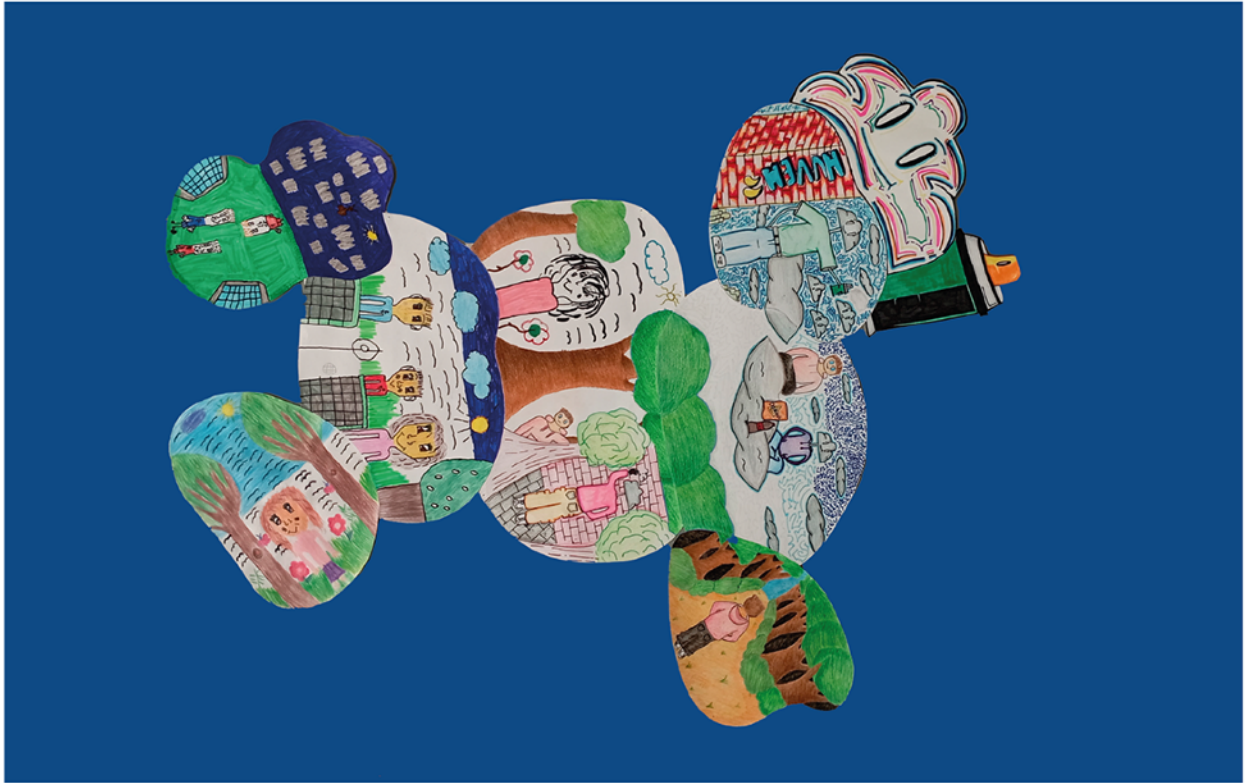




Fig. 8 - 'Ilustrar(-me), Ilustrarmo-nos' - Grupo 5

APÊNDICE VII

A OFICINA DE ARTES DA SALA DE INTERVENÇÃO ESPECIALIZADA EM IMAGENS

Páginas ilustradas - ‘Carnaval dos Animais’



Fig. 1 - A Oficina de Artes da SIE

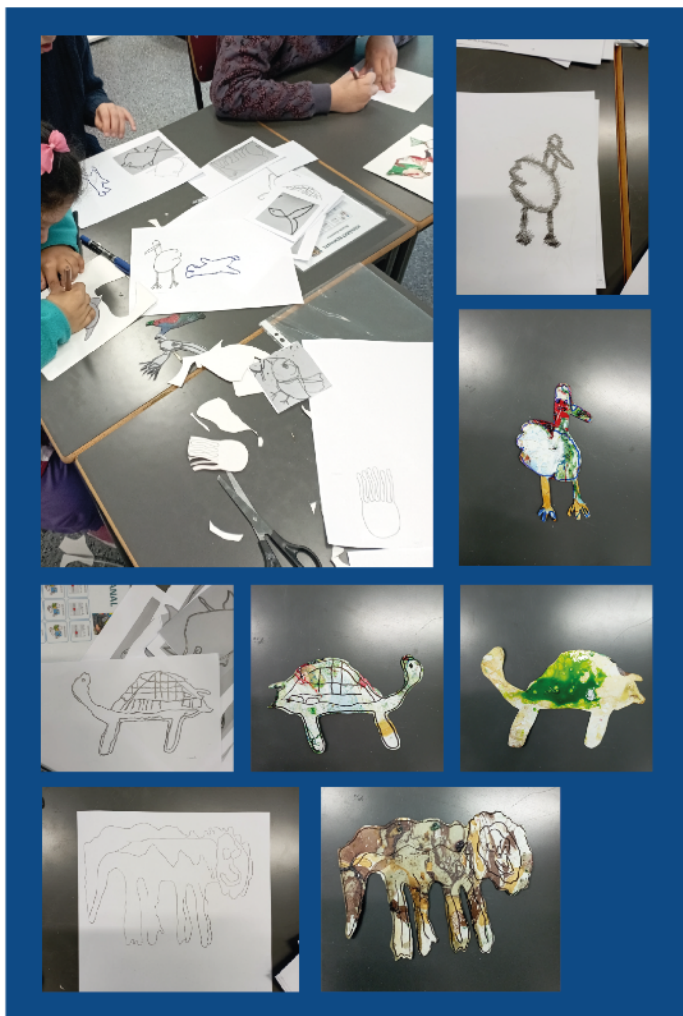


Fig. 2 - Decalque, recorte e pintura dos animais



Fig. 3 - Pintura dos animais ii



Fig. 4 - Preparação dos Cenários



Fig. 5 - Preparação dos Cenários i